

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE ABRIL DE 1918

ANO II—N.º 43

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . \$70 ANO 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoarria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

ETERNA QUESTÃO
NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

A navegação portugueza para o Brazil é um dos assuntos que, de vez em quando, vem a lume, simplesmente para pôr, bem em foco, não só o desleixo que tem havido por parte de todos os nossos governantes em matéria de tanta monta, mas também — e o que é mais ainda para sentir — a falta de iniciativa particular a tal respeito, caracterizada por uma triste ausencia de patriotismo e por um inexplicavel retratamento de capitães.

Estamos, absolutamente, convencidos de que, se se tivesse já montado uma empresa portugueza para a exploração da carreira marítima do Brazil, os nossos irmãos d'alem-mar ter-lhe-hiam prestado o seu melhor acolhimento e o seu mais valioso concurso, dando a preferencia, para os seus transportes, aos vapores que navegassem sob a nossa bandeira. E, agora, n'este momento de dolorosa crise, a nossa delicadissima situação teria encontrado, sem duvida alguma, uma forte atenuante, pela facilidade que se encontraria na importação de artigos estrangeiros que nos são absolutamente necessarios, principalmente de milho e trigo da Argentina e da America do Norte, por onde os vapores, na actual conjuntura, poderiam fazer escala.

Mas, agora, como d'antes, este magno assunto apenas é agitado de momento em momento, para que de todo não se afunde no mar lodacento da nossa incuria.

Por isso, tendo a Camara Industria e Arte de S. Paulo agradecido os esforços que tem sido empregados pela Sociedade Propaganda de Portugal, para que o estabelecimento d'esta carreira venha um dia a ser um facto, a mesma Sociedade representou, uma vez mais, ao governo, n'esse sentido.

Se bem que não confitemos n'estas platinicas representações, não deixamos, contudo, de reconhecer o pa-

triotismo que as tem incitado; e oxalá elas surtissessem um dia o almejado fim.

Consta, porem, que o Governo está decidido a abrir um novo concurso para a adjudicação d'essa carreira. Se tal facto se realizar, não temos senão de aplaudir mais essa tentativa dos poderes publicos, e muito grato nos será constatar que ella foi coroada do melhor exito.

Ha, todavia, um ponto para nós obscuro e que se nos torna de difficil explicação. E' o seguinte:

Até ha pouco, quando ainda havia uma relativa facilidade em constituir-se uma empresa, que — sem duvida — progrediria se fosse baseada em solidos alicerces e sujeita a mais criteriosa administração, ninguém se lembrou de empregar os seus esforços n'esse sentido, de forma que estavamos sujeitos unicamente a exploração estrangeira. Essa falta de lembrança era motivada — segundo a opinião dos entendidos na materia — pela quasi impossibilidade de se competir com as reduzidissimas tarifas dos vapores estrangeiros.

Agora que, embora não haja concorrência estrangeira, não vemos facilidade de se arranjam vapores para o estabelecimento de carreiras, appareceram bastantes propostas por occasião do ultimo concurso que — segundo cremos — foi annullado pela abundancia dos... ambiciosos.

Isto dá-nos a entender que, para esse fim, foi posta em equação a moralidade do sapateiro de Braga...

Ora esta lucta de interesses é que não é possível continuar, porque d'ella adveem os maiores prejuizos para o Paiz.

E' se bem que os interesses particulares sejam, até certo ponto, atendíveis, os geraes é que,



LISBOA — MONUMENTO A AFONSO D'ALBUQUERQUE

de forma alguma, podem estar á mercê de caprichosos ou de gananciosos que apenas olham ao seu bem individual ou á vingança pelo empate de qualquer tentativa em proveito do Paiz.

Hoje, como sempre, os nossos irmãos de além-mar, reclamam uma carreira nacional de navegação para os portos da terra de Santa Cruz, tomando, de cada vez que se agita essa questão, o compromisso moral de prestarem o seu melhor concurso á empresa que se constituia para a exploração d'essa linha marítima.

Hoje, como sempre, esses patrióticos apelos diluem-se na onda revoltante dos espiritos mesquinhos que encharca esta maldada terra portugueza.

Não pode dizer-se que seja por falta de capitaes que esse empreendimento não conseguiu ainda vingar, porque outros, duvidosos e de muito menos alcance economico, teem tido o melhor acolhimento; o que nos leva a supôr que, por ser muito bom e todos o quererem, é que ele não vae por deante.

JOSÉ LISBOA.

NO PALACIO DE CRISTAL, DO PORTO

UMA EXPOSIÇÃO PERMANENTE D'ARTE

EM o numero d'esta Revista referido a 5 de março de 1917, a proposito da *Galeria das Artes*—que durante algum tempo esteve instalada no salão da fotografia Bobone, á rua Serpa Pinto—salientámos o pezar que, nos causou, a noticia do desaparecimento d'essa Galeria, destinada exclusivamente á exposição permanente de trabalhos artisticos. Foi com verdadeiro sentimento que constatámos esse facto; e ao registal-o nas nossas colunas, tentámos transmitir pelas nossas palavras o incitamento que em nós cabia para que ele, de todo, não se confirmasse, e essa exposição—que tinha sido esperançosamente idealizada pelos novos artistas com aplauso e consenso unanime dos cultores de bellas-arts—reabrindo onde primitivamente fôra instalada ou n'outro sitio mais apropriado, viesse preencher uma lacuna que havia até a sua abertura, e continuou havendo no nosso Paiz, depois que terminou.

Infelizmente, por razões que desconhecemos, nem o nosso modesto incitamento, nem outras mais poderosas instancias que para esse fim foram feitas, conseguiram vingar.

Devemos, porem, dizer, que esse resultado não nos causou admiração. Conhecemos sufficientemente o meio em que vivemos, para que coisas semelhantes possam trazer-nos qualquer grau de surpresa.

Lamentámos então esse facto; e, após um ano de silencio, ele teria, certamente, passado os humbraes do esquecimento, se uma noticia recente não nol'o viesse reavivar. Essa noticia refere-se á proxima abertura, na



nave do elegante Palacio de Cristal, do Porto, d'uma exposição permanente de arte—no genero da Galeria que funcionou em Lisboa—onde serão acolhidos entusiasticamente todas as produções dos artistas nacionaes.

Esse facto, do mais palpitante interesse, foi recebido com alvoroço nos meios artisticos do nosso paiz, e á sua inspiração teem sido tributados os mais justos e calorosos aplausos.

Realmente essa ideia—que em breve veremos tornada pratica—é, alem de muito sympathica, pelo que de humanitario revela e de patriótico encerra, um preciosissimo serviço prestado á Arte portugueza e representa o mais valioso estímulo para os nossos novos artistas, em geral tão desprotegidos pela fortuna, que para eles só tem sido prodiga em desventuras.

Com a proxima abertura d'essa exposição, esses artistas teem já um meio de se tornarem conhecidos, de acharem colocação para as suas produções e de ouvirem as apreciações feitas aos seus trabalhos, as quaes muito hão de influir para que eles corrijam os seus naturaes defeitos, para que aprimorem a interpretação das suas inspirações, ou para que es-

tabeçam, em novas concepções, uma mais real semelhança; mostrando assim que os conselhos e indicações alheias foram proveitosas para a modificação da sua «forma».

Isso será, sem duvida, um dos grandes beneficios que trará essa exposição; e a sua proxima realidade será um facto, como consequencia da tenacidade e criterio que teem sido o lema dos corpos dirigentes da sociedade exploradora do referido palacio.

E', pois, com o maior entusiasmo e com a mais inteira satisfação que damos esta noticia; reservando para a oportunidade—que fazemos votos porque seja bem proxima—uma mais larga referencia a esse acontecimento o qual marcará, por certo, uma data memoravel para os cultores e apreciadores da Arte Nacional.

GUIA DE PORTUGAL

A Casa Michelin, de Paris, no intuito de completar a série dos seus guias com o que descreva as viagens em Portugal, acaba de encarregar o sr. José Bruno de Cabedo de colher aqui os elementos necessarios á elaboração d'esse guia.

O Sr. Bruno de Cabedo, que de ha muito reside em Paris, estando ha tempo, já, ao serviço d'aquella importante casa, acha-se actualmente em Lisboa, devendo em breve dar inicio aos trabalhos para o desempenho da missão que lhe foi confiada.

E' com prazer que inserimos esta noticia, pois ela mostra que Portugal vae merecendo ao estrangeiro a atenção que, de ha muito, devia gozar e a que tem justo direito.

A repressão da mendicidade nas praias e thermas

O sr. dr. José d'Atayde, illustre Director da Repartição de Turismo, instou junto dos poderes publicos para que sejam tomadas providencias de forma que a mendicidade nas nossas praias e estancias thermaes seja o mais possivel reprimida durante a proxima época de verão.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.

FESTAS DE CARIDADE

BONECAS E TRAPOLOGIA

FESTAS DE CARIDADE!—Quem ha que ao lêr esta phrase não expectivamente uma consoladora alegria inundar-lhe a alma?—Quem ha que, ao vê-la annunciada, não sinta um louco enthusiasmo, a necessidade mesmo de prestar todo o concurso para que a sua realisação se efective, o seu brilhantismo exceda toda a previsão e os seus resultados sejam multiplicados em beneficios que se dilatam como propria magia da obra?!

Caridade!—Haverá, porventura, alguém, d'entre os sêres bem formados, que não se sinta seduzir por todo o sentimental poema que encerra essa palavra?

Não. Aqueles que se impõem a obrigação de cuidar do proximo, muitas vezes, mais do que de si-propios, são os primeiros a acorrer com o seu auxilio, prestante e valioso sempre, para que esse poema se traduza em obras resplendorosas, e d'elas resultem os beneficios possiveis para atenuar as desventuras alheias.

—E quantas tem sido minoradas pela pratica d'essa sublime virtude?

Seria infinito o rol das obreiras que tem dedicado as maiores energias da sua vida e os seus melhores esforços a expargir os dons da sua caridade christã em proveito dos infelizes, dos pobres, das creaturas a quem os Altos Destinos não foram prodigos na concessão do bem-estar relativo que n'esta vida se pôde gozar.

Todos os dias, a todas horas, uma ação surge, uma benemerencia revela-se como por encanto, por entre rendas e sêdas, aureolada do sorriso confortante das almas, e de palavras doces ao espirito, n'uma seductora fraternidade, para que esse facto traduza simplesmente o auxilio que devemos uns aos outros; para que elle não signifique mais do que a justa partilha nas alegrias comuns, nem faça sentir a distancia entre os extremos que, n'esse momento, se tocam.

Os espiritos que se dedicam a essa santa e adoravel cruzada não cessam um só momento de procurar motivos, de buscar meios, de inventar até, as maiores excentricidades, para conseguirem a satisfação dos seus desejos, para attingirem o seu fim especial, que é proporcionar o bem da humanidade que vive sob o peso das desditas, ou d'aquelles a quem se torna necessario um conforto, um alento, um estímulo, para o proseguimento do seu dever.

Foi sob esta doce evocação que um grupo de distinctas senhoras levou a effeito, no sumptuoso «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, uma interessantissima festa, em que a *Boneca* recebeu uma especial consagração, e a *Trapologia* foi victoriada como original concepção de espiritos artisticos.

Era maravilhoso o espectáculo que se apresentava á assistencia. Uma feira de bonecas, um bazar de produções feitas com trapos, eis os motivos que attrahiam; com que a Caridade, d'esta vez, cathechizou os seus evangelistas; em que a Fortuna soube envolver a sua prodigalidade.

O ambiente era propicio; o fim era seductor.

Por isso, durante as horas em que as *Bonecas* e a *Trapologia* gozaram as delicias do throno em que estiveram colocadas, a Caridade viveu feliz. Teve, tambem, a seus pés a alegria estonteante da mocidade, o enthusiasmo vibrante dos despreocupados, o aroma inebriante das flores que ali plantou, e que pela sua magica influencia desabrocharam com rapida feracidade, incensando-A docemente. E após esses momentos de ditosa felicidade, Ella—essa santa virtude—colheu os fructos em que, por mãos bemfazejas, pôde transformar as suas flores; e com elles foi minorar muita angustia, fez esmorecer muito desespero, reconfortou alentosamente o moral de finhado por soffredoras desditas!

Bem haja as promotoras d'essa festa, sr.^{as} D. Zulmira Franco Teixeira (Falcarrreira) e D. Sára da Motta Vieira Marques. Os seus nomes são marcos miliarios na senda do bem; são frisantés exemplos de virtude; são joias descriptas nas formosissimas paginas em que a Caridade tem inscripto as suas melodiosas epopeias!

J. L.

Durante a exposição da *Trapologia* foram vendidos primorosos versos de distinctas poetisas, impressos em artisticas folhas. D'entre elles destacamos o engraçadissimo Soneto que nos permitimos a liberdade de publicar e que

é firmado por «Azul» pseudonimo que caracteriza o scintilante espirito da sua genial auctora, a sr.^a Dona Zulmira Falcarrreira.

TRAPOLOGIA

*Juntar e amaneirar todo o bocado
De vestidos de seda ou de veludo;
Restos de chita ou gango, enfim de tudo
Que possa ainda ser aproveitado;*

*E n'um desenho louco, improvisaão,
De traço original, rapido e agudo,
Transfigurá-os, sem qualquer estudo,
N'um poema de côr realisaão;*

*Ressuscitar á vida o que está morto,
Transformando em conforto um desconforto,
Quem sonhar este sonho poderia?*

*Só Ramalho Ortigão quando, propheta,
A esta arte, n'uma graça tão discreta,
Finamente chamou Trapologia.*

Azul.

Transito internacional

TENDO sido já adoptada em Hespanha e França a hora avançada de sessenta minutos, acham-se por esse motivo asseguradas todas as correspondencias de transito internacional.

EXPEDIENTE

POR não estarem ainda normalizados os serviços da nossa tipografia, o presente numero é publicado ainda com atraso.

Contamos, porem, muito em breve, recommear regularmente a publicação da nossa Revista

Todo aquele que se interessa pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

ARQUITECTURA TRADICIONALISTA

DO SÉCULO XVIII

TEM esta revista, muito sensatamente, feito a propaganda nacionalista, em tudo o que, exequivamente, ela possa ser empregada. E, entre os assuntos que tem versado, tem-se especialmente preocupado com a arquitectura em o nosso País, que é um dos factores mais importantes de uma nacionalidade, que se não abastarda com os inadquados modelos estrangeiros.

Em Portugal, tem-se seguido o sistema de importar do estrangeiro, especialmente de França, todos os modelos. Não são só as modas no vestuário e outras de somenos importância. Até a construção das habitações é, em geral, feita por modelos francezes, que nos vêm para as livrarias, com bonitas e variegadas cores, mas com plantas que não podem servir para os nossos usos e costumes. Daqui, o mau resultado, de que, ou se alteram as fachadas para corresponder ás alterações das plantas, ou se conservam estas com alterações tão forçadas que dão um verdadeiro disparate.

E' certo que, com salutar reacção, se vem acentuando, ha poucos anos para cá, e já se vilo vendo pelo pais em fóra, construções de «casas portuguesas», a que os seus inteligentes e patrióticos autores, com consciencioso estudo dos elementos dispersos por todas as nossas provincias, se tem prestado com o fim de estimular o gosto pelo que é nosso, incontestavelmente, superior ao que vem de fóra.

Já aqui temos publicado alguns dos muitos modelos de «casa portuguesa» que se tem constituído no País, e vamos hoje dar mais um exemplo, com o portuguesissimo «Solar de Vila Meã» ha pouco concluído, e que é projeto do distinto architecto bracarense, sr.

João de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, que já tem outros trabalhos no genero, dignos dos maiores encomios, pelos seus louvaveis esforços em querer nacionalisar a architectura.

mas não chegou a ver acabado, por a morte o ter surpreendido antes disso.

Está situada a solarenga e linda vivenda num dos pontos mais pitorescos da provincia do Minho, na freguezia de Vila Meã, a uns três quilómetros de Nine.

Na capela, em estilo renascença, ha dois formosos *panneaux* em azulejo, de Jorge Colaço.

Seria longa a descrição desta bela vivenda, cuja estilisação, do século



O solar de que nos estamos occupando e cujas gravuras publicámos, pertence á Ex.^{ma} Sr.^a D. Capitolina Novaes, viúva do falecido conselheiro José Novaes, que o mandou construir

XVIII, é um primor de bom gosto, que suplanta muita cousa estrangeira, que, por mal dos nossos pecados, tem invadido o País.

N. C.



LISBOA

ASPECTOS CIDADINOS

Lisboa, apesar do seu feitiço ainda um tanto burguez, já não parece a mesma cidade de ha 10 anos, onde os restos dos antigos usos e costumes, apareciam em exquisito contraste com as manifestações do progresso. então já entrado na nossa vida, embora esbarrando a cada passo nos anachronicos vicios que tão enraizados se achavam, no solo alfacinha.

Hoje, a nossa Capital, conquanto por alguns considerada, ainda, apenas, em paralelo com uma cidade de provincia das grandes nações, tem uma vida intensa e interessante, que oferece mil aspectos ao observador que tente descrevel'a.

Para nós, *alfacinhas*, ela não se representa já pela salaia de rosto redondo, pele tishada pelos ares quentes do nosso meridiano; vestida mal mas com riqueza; não sabendo andar e entortando os saltos; rude no riso e larga no gesto; enchendo a boca com a Avenida da Liberdade, onde apanhava indigestões com os pasteis comprados no *Cóco*, que, depois, por não se achar bem dentro d'um inesthetico espartilho, ia vomitar nas salças aguas do formoso Tejo; ou, sentada labrega-

pole as unhas e enverniza os sapatos. Já veste com donaire e piza com elegancia. Já fala francez e interpreta musicos consagrados. Já conhece a literatura estrangeira e fala solememente nos poetas e prosadores portuguezes, desde a infancia da literatura até nossos dias, onde os escritores de penas d'aço são tantos como os da *pena grande*. Já está civilisada nos apetites, tomando chasinho á tarde, para conforto do estomago. Já canta bem e ri comodidamente. Já sabe chorar e sabe amar. Emfim, dramatiza as scenas que lhe convem e converte em tragedias, segundo os desejos, os fa-

perior, não chega, todavia, para defender-se dos lances ardilosos em que a Mulher, nas scenas mais extraordinarias, o envolve com a maxima facilidade.

Sim. Tudo isso e mais alguma coisa, é que lhe dão atractivos que nos impellem insensivelmente para os seus folguedos, para a agitação febril e enervante dos dramas conjugaes e das



LISBOA - MONUMENTO AO DUQUE DA TERCEIRA

comedias burlescas que se passam entre o comercio e a industria, as finanças e os argentarios, como entre os politicos e os abstencionistas, e entre todos ao mesmo tempo, n'uma amalgama de interesses varios e contrarios, de sympathias convençionaes e de odios ligadaes; tudo misturado, como uma verdadeira salada russa.

Isto é a vida intensa que Lisboa hoje oferece, como primeiro aspecto a qualquer observador. Poder-se-ha mesmo dizer que ele constitue o *manto diaphano da fantasia* com que encobre a *nudez forte da verdade*; porque *sous le balcon* ha outros as-



LISBOA - MONUMENTO A SÁ DA BANDEIRA

ectos que acidentam a sua já estonteante vida.

Está uma verdadeira senhora.

Por isso, tantos a desejam vêr, na sua integra magestade, e apreciar as suas *excentricidades*, examinar as suas joias, todas as suas riquezas, todo o seu já vastissimo emporio de vaidades e de frivolidades. Todos querem gosar deste

LISBOA -
Vista tirada de S. Pedro
d'Alcantara

palco imenso onde a astucia do homem, já attingindo um grau su-



LISBOA - MONUMENTO A SALDANHA

mente no alto de Santa Catharina, aspirava com sofreguidão o ar, para diluir os gazes intestinaes, enquanto os arrotos entrecortavam as suas apreçiações sobre os botes que via singlar no estuario fronteiro.

A cidade alfacinha, atualmente, está mudada. Parece hoje uma gentil menina educada no meio da civilisação. Aprendeu a ser *gente*. Já pinta as faces,

pectos, muito diversos e muito tristes que por isso mesmo—e para que não ofusquem as galas reluzentes dos exteriores, se escondem sobrepreviamente por entre a tímida vergonha e a pobreza envergonhada. Mas estes, não se apresentam, espontaneos, á vista do visitante, nem mesmo através os bastidores. O seu movimento e a sua ação desenham-se simplesmente como

de «Rainha do Oceano» onde foi colocada pelo imortal Alexandre Herculano, tinha já atingido uma fase em que o genero feminino contrahe a obrigação de se alindar, para... se fiudar a si proprio...

Por isso, começou a pintar-se, a espartilhar-se, a usar os elixires da longa-vida, a pôr cinturão electrico e a galvanisar as faces, mostrando-se nos hoje com uma luxuosa *encadernação* que atrahê a vêr-se-lhe o interior, onde as variadissimas *videntes* gozam impunemente os beneficios da sua rendosa industria, advinhando o passado, contando o presente e predizendo o futuro; onde as vacarias, pululando como cogu-

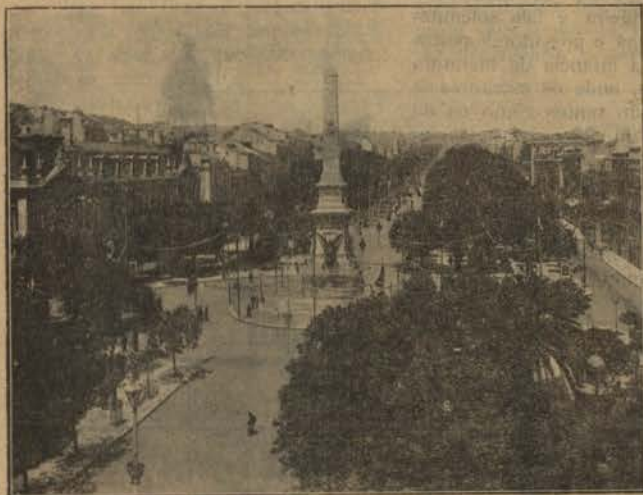
sua vida, quasi oposta á que passava, quando

«Estavas, linda Ignez, posta em socego

«N'aquelle engano d'alma lèdo e cego

Mas, então, não havia o ruído enurdecedor dos automoveis a desperatarem-n'a d'esse socego, nem o feroz tilintar dos carros electricos—quaes ferreiros campestres, annunciando as proximas borrascas. Em compensação desapareceram os typicos *deita-gatos-em-alguidares*, cujo pregão era sempre acompanhado do ruído estridulo de dois ferros em desharmonioso som; nem ha, tambem, os antigos pregões que arrelivavam as *meninas da Baixa*, ao mesmo tempo que suavizavam o quilo dos funcionarios publicos, após o *extenuante* trabalho quotidiano.

Agora, existe, apenas, para os que viveram no passado, as recordações



LISBOA—RESTAURADORES

fundo esbatido no grande scenário da vida cidadina, representando, to luvia, a negrura precisa para que realce e reluz todo um mundo de apparencias illusorias, de phantasias ephemerhas, de vaidades postizas.

Contudo, a *cidade de marmore e granito á beira-mar plantada*, conserva ainda, para os espiritos amantes da tradição e através a evolução das épocas, a linha fidalga das *Donas de tempos idos*, guardando com inestimavel apreço, as joias que outr'ora enriqueceram a sua corôa de glorias; os brazões que testemunham o fausto com que assombrou todo o mundo; essa preciosa galeria onde a sciencia, as artes, as letras, a intrepidez e o valor se representam por doiradas e fulgurantes paginas d'uma historia incomparavel, que aureolou inconfundivelmente o nome portuguez.

E nos seus jardins, nos seus bairros excéntricos, como nos seus pitorescos e sonhadores arrabaldes, mantem ainda os traços d'uma juventude formosa, resplandecente, distincta em requintes de subtil amabilidade, diversa em lances de heroismo e galhardia, mostrando bem que esta foi a Patria celebre dos celebres «Doze de Inglaterra».

Lisboa, não obstante a magestade que lhe vinha da privilegiada situação

mios, são—aliás—preciosissimos lugares de conforto para os estomagos debilitados pelas ignurias estrangeiras que abundam hoje nos variados e numerosissimos restaurantes, hotéis e casas de pasto, apostados em desnacionalisarem o apéite portuguezinho; onde, enfim, se contractam casamentos por annuncio e se desfazem laços matrimoniaes dentro das velhas paredes da Boa-Hora, á luz da verdadeira civilisação...

Seria interminavel a lista de todos os factos notaveis que ocupam hoje a



LISBOA—Museu das Janelas Verdes

do seu feliz tempo, quando, então, se fazia aos domingos, no antigo Passeio Publico, o que hoje faz a sociedade todos os dias, na Avenida e no Campo Grande, na Baixa e na Alta, porque, actualmente, passeia-se em Lisboa

como nunca se passeiou em parte alguma.

Isso é, ainda, um motivo para que a nossa Capital seja visitada.

Outros atrahentes moti-

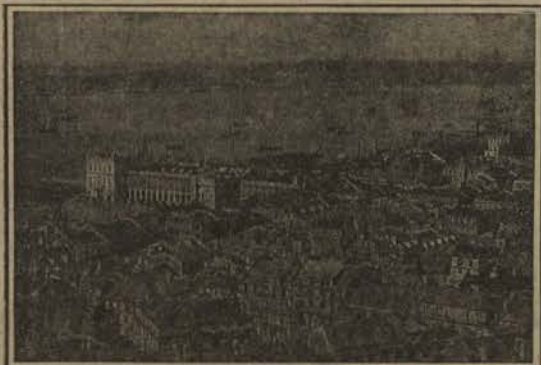
LISBOA—ROCIO

vos ha, porrem, na *Lisboa-amada*, que fazem vibrar a alma



portuguesa quando os contempla, e que especialmente seduzem a atenção dos forasteiros, por representarem testemunhos incontestáveis das nossas passadas glórias, da nossa antiga riqueza, ou do nosso espirito original, hoje emprehendedoramente arrojado, amanhã idealmente artistico, mas sempre unico.

E, assim, em os nossos muzeus, nos nossos monumentos e obras d'arte, emfim, em tudo onde os principes luzitanos estigmatizaram as concepções



LISBOA — Vista tirada do Castelo

divinamente belas do seu incomparavel genio, transluz a alma da Patria de que Lisboa é a mãe e detentora de um grande, senão do maior numero das suas riquissimas e preciosas joias; fulguram, aos reverberos d'um Sol genuinamente portuguez, as lidimas glórias d'um povo que «*ao Mundo deu novos Mundos*».

Iluminando grandemente as paginas d'esta Revista, reproduzimos varios



LISBOA — Jardim Botanico

monumentos que, para perpetuar a memoria de nobres, de bravos e heroicos portuguezes, foram erigidos em alguns dos encantadores jardins e largas praças que alindam a formosa Lisboa.

A memoria de Ramalho Ortigão

UMA SYMPATHICA INICIATIVA

DA SOCIEDADE DE PROPAGANDA

Por iniciativa do sr. Manuel Emidio da Silva, Presidente da Comissão de Hoteis da Propaganda de Portugal, vae esta benemerita associação erigir, na linda estancia do Gerez, um modesto monumento consagrando a memoria de Ramalho Ortigão, que foi um frequentador assiduo d'aquelas thermas e um grande amigo da sua original paisagem.

O nunca esquecido escritor costumava, pelas tardes quentes de agosto, ao pôr do sol, passar horas em doce contemplação, sentado n'um dos pontos do

Gerez onde melhor se espraia a vista pelo formoso valle de Villar da Veiga e pelas serranias d'aquella pitoresca região.

Precisamente no sitio de predileção do brilhante auctor das «Farpas», e onde existem ainda uns toscos bancos já denominados *Bancos do Ramalho*, vae a Propaganda de Portugal construir uns outros, artisticos, para goso dos banhistas, ou dos simples turistas que visitem esse pitoresco logar.

O projecto e desenho d'esses bancos foi confiado ao architecto, sr. Raul Lino, cuja competencia em trabalhos de decoração paisagista é bem conhecida.

Raul Lino já concluiu o seu trabalho, que foi inspirado nos bancos do Claustro de Santa Maria de Bouro, conservando-lhe assim o caracter regionalista, a sua estrutura solida e severa, mas elegante, conjugando-se perfeitamente com a amplitude selvatica da região.

Entre trez bancos maiores, formando triangulo, e como que convidando a um repouso, serão instalados, nos vertices, trez assentos solitarios, utilissimos para aqueles que preferem gosar em silencio a melancolia de uma paisagem triste e emotiva. As costas dos bancos são altas para proteger do vento e do sol as pessoas que n'elles se sentarem; havendo, de um dos lados, pelo menos, e tambem ao centro, um espaço livre, destinado a uma ar-

vore copada ou a um massiço de arbustos adequados áquele local e que não necessitem de tratamento assiduo.

Em breve vão começar as obras, de maneira que os frequentadores do Gerez possam, já no proximo verão, gosar d'este melhoramento que lhes oferece a Propaganda, perpetuando ao mesmo tempo a passagem, por aquellas terras, de um dos mais entusiastas e sinceros amigos de Portugal.

GUERRA MAIO

A ultima hora chega-nos a triste noticia, da morte da mãe do nosso querido camarada, Guerra Maio, Redactor principal da nossa Revista.

A falta de espaço obriga-nos a que só no proximo numero lhe consagremos justamente o nosso pezar.

Relatorio do congresso hoteleiro de 1917

A CABA de ser distribuido pela Repartição de Turismo o Relatorio relativo ao congresso Hoteleiro, que com brilhante exito se realizou o ano passado nas salas da Sociedade Geographia.

Brevemente nos referiremos mais de espaço a esse valioso documento.

Capas para encadernar o 1.º ano da Revista de Turismo

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.º ano da «*Revista de Turismo*».

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1\$60 (mil e seiscentos réis); fornecendo-se só as capas por 1\$20.

DO ESTRANGEIRO

Uma visita à "ATLANTIC CITY",

NEW-YORK — Dezembro de 1917.

QUALQUER estrangeiro não pode dizer afoitamente que conhece a grande república dos Estados Unidos da America, se não tiver visitado a «Atlantic City».

Essa interessante cidade, é perfeitamente típica, unica talvez no Mundo. Ela é um exemplo frisante do que é o espirito norte-americano, em toda a sua pujança inventiva, e nas suas mais extravagantes modalidades.

Para se fazer uma idéa, basta dizer reunidas que fossem os bazares de Constantinopla, a cidade de Allahabad, durante um enorme motim entre os mouros, o Vezuio em erupção e, ainda, Messina, por ocasião d'um terremoto; e juntando-se a isto tudo uns cinco mil asilos de lunáticos, ter-se-hia uma visão aproximada do que é a «Atlantic City» durante a época de verão.

Paralelamente, nenhuma outra praia dos Estados Unidos apresenta maior formosura, melhor conforto e comodidade para um repouso singular.

A todos os forasteiros como eu, deve oferecer-se-lhes os mesmos aspectos e as mesmas impressões; a julgar pelas milhentas caras parecidas com a minha, com que topoi nas minhas multiplicas visitas.

Desde o inicio da viagem, em New-York — ponto de partida que deve ser obrigatorio para se avaliar de toda a excentricidade americana — até essa interessante praia, tudo é plantástico, extraordinario, ultrapassando quasi os limites das idéas concebíveis. Até a propria Natureza se manifesta aqui de uma forma diferente, nas suas expansões de exuberancia, no colorido com que matiza os campos, no marulhar cadenciado das aguas nas cascatas.

A «Atlantic City» é uma vasta praia, onde gente de todas as categorias vae banhar-se na época propria. Não é, poi assim, dizer onde a «élite» passa a «season». Essa vae para outras praias, com o Lenox, Bar Harbor e Newport, onde se podem apreciar os requintes da elegancia americana e o esplendor d'esta sociedade que gasta milhões a divertir-se, que pratica todas as excentricidades e auxilia as maiores exquisitices.

Na «Atlantic City», a população balnear é muito diversa, contando-se entre ella: padre, artistas, juizes, operarios, coristas, presidentes das Universidades, empregados de todos os generos, jogadores, colegias etc., etc. Essa massa de gente não se preoccupa tanto com a vida, chamada da Sociedade, como com as suas distrações.

Cada um mostra-se como é; e todos procuram tirar o melhor partido da estação que ali gozam e dos divertimentos que lhes proporcionam.

É bom notar que para servir toda a colonia que habitualmente ali vae banhar-se, foi construido expressamente um enorme balneario, como sem duvida não ha outro igual.

Os hoteis acham-se instalados no passeio principal, em edificios apropriados, e são, apesar da sua grandezza, insuficientes para alojar o enormissimo numero de banhistas e veraneantes que dá preferencia aquella praia. Um d'elles pode albergar cerca de mil e quatrocentas pessoas.

Ha-os para todos os preços, desde oito até quinhentos dollars por semana.

É claro que, os que cobram tão avultada pensão, só são utilizados pelos principes da finança yankee, que não se importam saber de contas, mas que não dispensam as suas comodidades e a maior rapidez no serviço. É o caso de aplicar a divisa — Perfeição e rapidez, sem economia.

Muito pode o dinheiro... — Adeante. O passeio favorito n'essa original cidade oferece, por ocasião da época balnear, um intraduzível aspecto. Milhões de pessoas andam, n'uma sequencia sem fim, pelo meio, os vendedores de jornaes passam apregoando. As creanças, aqui e ali, formando pequenos grupos, distraem-se a seu modo. No mar, o movimento dos barcos-automoveis é sempre extraordinario; e o som das suas constantes businadas, que diabolicamente atroam os ares, vae juntar-se ao murmuro da população ondulante, entrecortado pela multiplicidade dos sons das cornetas dos autos, em correrias vertiginosas, pelas ruas da cidade o que tudo provoca a mais extranha commoção.

Sobre a cabeça de todo o mundo que ali se agita, flutuam, impelidas pelas brisas do oceano, galhardetes e bandeiras multicolores e multidiversas.

Desde as nove horas da manhã até á meia noite, o movimento é constante, extraordinario, febricitante.

A um dos lados da Avenida, acham-se instaladas pitorescas barracas, onde pequenos japoneses vendem os seus mais originaes productos. Ha, em cada uma d'essas barracas, um pregoeiro europeu que serve de interprete para as ofertas dos productos expostos. Esse pregoeiro exerce funções semelhantes ás dos que antigamente se viam nas barracas das nossas feiras. Alguns são bastantes espirituosos, e com a sua graça atrahem enorme concorrência á compra das trinta mil e uma futilidades que se encontram á venda. Seja dito em abono da verdade, que algumas coisas praticas e de valor, se mercadejam igualmente n'essas barracas.

Alem d'essas, outras ha onde se encon-

tram quadros artisticos, postaes illustrados, n'uma incomensuravel coleção, jogos diversos, «y muchas cosas más».

D'um outro lado da Avenida, é o local destinado ás diversões, que captivam um grande numero dos banhistas.

Emfim, por toda a parte se vê gente movimentando-se n'um estonteante rodopiar, cada um procurando divertir-se ou distrair-se a seu bel-prazer, ou melhor que pôde, e todos não deixando de aproveitar o good-time que se lhes apresenta.

A pesar de toda a phrenetica agitação que anima a Atlantic City, ella oferece logares, especiaes para um suave repouso, onde os que não suportam a enervante vida que ali se pratica, podem descansar sem incommodo algum. Um d'esses logares fica n'um dos extremos da praia, não chegando ali o ruido do buliço ensurdecedor da cidade.

A preferencia que é dada a esta praia não só por milhões de americanos, mas por um sem numero de estrangeiros, achase ainda explicada pelo facto da temperatura que a envolve ser suave, pois que nem no verão ali ha calor excessivo, nem durante o inverno o frio se faz sentir intensamente.

No dizer d'um espanhol meu amigo e que foi meu companheiro na Atlantic City, esta praia é a oitava maravilha do mundo. E tão maravilhosa ella é, que encerra em si todos os sentimentos que a humanidade pensante pode conceber.

Para pôr termo a esta carta que pelo comprimento se vê que é escripta sob a influencia dos ares americanos, direi que sinto imenso não ser um bom pintor para colorir melhor os quadros que acima tracei, cuja paidez pouco representa o natural.

Todavia, quando os meus alazeres m'o permitam voltarei a colaborar na interessante «Revista de Turismo», pois que não faltam, por estas terras, assuntos com que entreter os seus leitores... se eles estiverem dispostos a ler as minha cartas.

Z.

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliotecas das seguintes estações:

Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepeñar, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista, todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.